

O Mármore alentejano na arquitectura da água: o caso de Évora

The Alentejo marble in architecture of water:
the case of Évora

Armando Quintas

Universidade de Évora - CIDEHUS | CECHAP, Portugal
aquintas.cechap@gmail.com

Carlos Filipe

ISCTE-IUL | CLEPUL-FLUL | CECHAP, Portugal
carlosfilipe.cechap@gmail.com

Sinopse

Procuramos com o presente artigo descrever um pouco do que tem sido a evolução histórica da actividade económica dos mármore da região de Évora, com particular interesse pelos designados Mármore do Anticlinal de Estremoz.

O estudo que tem vindo a ser realizado no âmbito do projecto Património e História da Indústria dos Mármore tem permitindo maior conhecimento sobre a utilização destes materiais na arquitectura e no urbanismo. Este trabalho tem sido desenvolvido de forma sistematizada em áreas como: arqueologia, tecnologias, história, património, artes e questões sociais.

Procuramos igualmente dar uma outra visão do ciclo da encomenda a partir das pedreiras da região dos mármore, que integram os concelhos de Estremoz, Borba e Vila Viçosa, e da relação com o destino do nobre material ornamental. É possível hoje determinar a dimensão das encomendas de mármore remetidas aos mercados regionais com maior poder económico, correspondendo aos principais centros artísticos da região.

O artigo descreve a utilização do mármore e a sua aplicação na arquitectura da água, contextualizando as dinâmicas de evolução do urbanismo na cidade de Évora, ajustando a encomenda à construção de novos equipamentos de abastecimento público.

Palavras-chave: Água; Évora; História; Mármore; Património.

Abstract

This article aims to describe a little of what has been the historical evolution of the economic activity of the marbles in the region of Évora, with particular focus in the so-called Marbles of the Estremoz Anticlinical.

The study that has been carried out in the scope of the project Heritage and History of the Marbles Industry has allowed greater knowledge about the use of these materials in architecture and urbanism. This work has been developed in a systematic way in areas such as: archaeology, technologies, history, heritage, arts and social issues.

We also try to give another view of the cycle of order from the quarries of the marble region, which are part of the municipalities of Estremoz, Borba and Vila Viçosa, and of the relation with the destination of this noble ornamental material. It is now possible to determine the size of the marble orders sent to the regional markets with greater economic power, corresponding to the main artistic centres of the region.

The article describes the use of marble and its application in the water architecture, contextualizing the dynamics of the evolution of urbanism in the city of Évora, adjusting the order to the construction of new public supply equipment.

Keywords: Water; Évora; History; Marble; Heritage.

1. A importância económica do mármore alentejano do contexto geológico português

Os mármore são rochas metamórficas derivadas do calcário exposto a temperaturas elevadas e a pressões externas. Em termos comerciais são classificadas como rochas carbonatadas susceptíveis de receber polimento, sendo incluídas no sector das rochas ornamentais, que também contempla, entre outras, os granitos, os xistos e as ardósias. A sua utilização destina-se essencialmente à escultura e à ornamentação urbana.

As suas origens são bastantes diversificadas, existindo jazidas em inúmeros países, contudo os mármore mais apreciados, são provenientes dos centros de produção europeus, em particular, na Bélgica, na Itália, na Espanha e em Portugal.

No nosso país, as principais jazidas encontram-se no Alentejo, concentradas no *Anticlinal de Estremoz*, unidade tectono-estratigráfica que faz parte da zona da Ossa Morena, uma das estruturas que compõe o maciço Hespérico ou Meseta Ibérica, que ocupa a parte ocidental e central da Península Ibérica.

A geografia do Anticlinal compreende uma dimensão em torno dos 40km de extensão por cerca de 10 a 12km de largura, entre os concelhos de Alandroal e Sousel, englobando fundamentalmente os três concelhos: Borba, Estremoz e Vila Viçosa.

Apresenta mármore cristalinos e translúcidos com uma composição maioritária de calcite, formados durante os períodos geológicos Devónico e Carbónico, ou seja, há 400 / 500 milhões de anos. Estes mármore apresentam diferentes colorações, destacando-se essencialmente três variedades cromáticas: o mármore cinzento ou negro, conhecido como *Ruivina*, o branco no qual se compreende o mármore claro com tonalidades rosa, creme e azul e por último a variedade rosa (CEVALOR e CETEL, 1992).

Explorados desde os tempos remotos, os mármore do Alentejo afirmaram-se no contexto mundial a partir do século XX e constituem-se como o elemento mais importante ao nível das exportações, de todas as rochas ornamentais de Portugal.

Segundo dados de 2012, a indústria extractiva portuguesa possuía no seu conjunto, um valor de 1.037 milhões de euros, dos quais 31% correspondiam a minérios para a construção, nos quais se incluem as rochas ornamentais.

Estas últimas registavam uma produção de 2.462.468 toneladas, das quais 849.749 toneladas correspondiam aos mármore e calcários, que compreendiam 37% das 338 pedreiras activas naquele momento.

A região do Alentejo constitui-se com o maior centro produtor de rochas ornamentais, no qual estão localizadas as principais explorações de granito e mármore. O distrito de Évora, onde se localiza o Anticlinal, era naquele ano, responsável pela realização de um quarto do valor total das rochas ornamentais, com apenas 6.7% de volume extraído, o que demonstra a valorização unitária do mármore.

Os mármore e os calcários constituem a categoria mais exportada (55% do total) e o país nesse ano tinha-se elevado ao lugar do quinto maior exportador de mármore do mundo (Boletim..., 2013) e (BANCO ESPÍRITO SANTO RESEARCH, 2014).

Por último, no que diz respeito ao futuro, as reservas estimadas apontam ainda para uma existência em torno dos 103 milhões de metros cúbicos (FALÉ et al., 2006) e (Cartografia..., 2008).

2. A modernização de uma actividade milenar

A exploração do mármore alentejano é uma actividade já bastante antiga. De facto, a importância deste território assenta na sua permanência como centro produtor desde os últimos dois mil anos. Ela é confirmada por testemunhos diversos, como os vestígios de explorações na zona de Vila Viçosa e pelos monumentos construídos que chegaram aos nossos dias, como o caso dos vestígios da época romana das cidades de Évora e Mérida, nas quais se destacam os seus templos.

Mas também os períodos posteriores serão testemunhas dessa grande tradição da cantaria alentejana, de cujos inúmeros exemplos, poderemos destacar: os túmulos medievais da Sé de Évora, o remate das obras da mesma catedral, a torre do castelo de Estremoz e os elementos decorativos dos diversos conventos de Évora. O período do renascimento e do barroco acentuarão o uso deste material nobre, no qual, a partir do século XVI, o Colégio do Espírito Santo, e a frontaria do Palácio Ducal de Vila Viçosa, se tornarão numa interessante montra de grandes e excelentes trabalhos de cantarias e os programas de obras um pouco por todo o Alentejo, com destaque para Vila Viçosa, nos séculos XVII e XVIII, que marcarão o bom gosto no uso do

mármore e o seu reconhecimento generalizado (NUNES, 1996), (MACIEL, 1998), (LOPES, 2000), (CARNEIRO, 2013) e (FILIPE, 2015).

Contudo a sua exploração e transformação, foi sendo feita à força de braços e de animais, pois a sua modernização apenas ocorre já em inícios do século XX, num contexto de industrialização tardia, em virtude do próprio processo modernizador do país, que vinha assentando, essencialmente na exploração de minérios metálicos (CABRAL, 1979), (GUIMARÃES, 2006) e (QUINTAS e PEREIRA, 2016).

Esta modernização terá lugar com a chegada de grandes sociedades industriais, atraídas pela qualidade da matéria-prima, cuja finalidade era a exportação para os grandes mercados internacionais. Assim, o período entre 1918 e 1928, marcará o primeiro arranque industrial em moldes modernos da indústria dos mármore em Portugal, com o estabelecimento naqueles três concelhos de cinco sociedades de exploração: *Sociedade dos Mármore e Cerâmicas de Estremoz e Borba* (1918); *Sociedade dos Mármore de Portugal* (1923); *Mármore de Sousa Baptista* (1927); *Sociedade dos Mármore de Vila Viçosa* (1928) e *Solubema – Sociedade Luso Belga de Mármore S.A.* (1928). (PORTAS, 1931), (RIBEIRO, 1933), (RIBEIRO, 1934) e (QUINTAS, 2015).

Estas empresas vão provocar uma completa revolução na forma de explorar o mármore, dado que aportaram ao território novas técnicas e tecnologias, cuja transferência se materializou na incorporação de maquinaria, num estímulo à inovação e no uso de novas fontes de energia, o que dará origem a uma nova indústria de dimensão internacional e a uma enorme alteração da paisagem regional.

Neste processo, destacam-se os investidores belgas, detentores de uma tradição de exploração dos mármore que já remontava ao século XVIII, pois a Sociedade Luso Belga fora o resultado da expansão comercial de uma outra grande sociedade industrial belga: a *Société Anonyme de Merbres-Sprimont*, sediada inicialmente em Merbres-le-Château, na região belga da Valónia, território dos afamados mármore negros e vermelhos. Esta sociedade detinha, no ano de 1928, o controlo de outras sociedades marmoristas, três delas em França, três outras na Alemanha, uma na Itália, outra na Grã-Bretanha e ainda uma outra na Holanda, sem contar com as pedreiras e oficinas de transformação em países como a Argélia e Marrocos (*Société...*, 1928).

Este processo de modernização incidiu na adopção, de, entre outras tecnologias, do uso do fio helicoidal, da modernização dos guinchos e na instalação de gruas de grande porte.

O fio helicoidal consistia num cabo de aço de 4-6 milímetros obtido pela torção de três fios, disposto num sistema fechado em redor da pedra e guiado por roldanas e conjunto de polias bastidores. Este método permitia que o fio, com o uso de areia siliciosa e com recurso a um motor, cortasse por abrasão grandes blocos de até 40 metros de comprimento por 14 de altura. Fora inventado em 1854, apresentado na exposição Universal de Paris no ano seguinte, em uso nas pedreiras Wincqz em Soignes, na Valónia, no final do século e retornando nos anos 30 ao Alentejo pela Luso-Belga, depois de uma tentativa falhada da *Sociedade dos Mármore e Cerâmicas de Estremoz e Borba* (PORTAS, 1931), (BAVAY, 1994) e (QUINTAS, 2015).

A modernização dos guinchos, sobretudo os guinchos móveis, foi bastante importante nas explorações, pois munidos com desmultiplicadores de forças e cabos de aço, tornavam possível o arrasto dos blocos cada vez mais pesados para fora da pedra. Os seus primeiros modelos, à força manual, constituíam uma imitação de outros engenhos semelhantes, produzidos por empresas como *L. Claudon Successeurs* da Ferté-Milon, na região Francesa do Aisne (QUINTAS, 2015).

Este tipo de guincho será substituído nos anos 40 por um modelo motorizado, o chamado *Crapaud*. Tratava-se de uma viatura a *diesel*, equipada com motor *Lister* e uma bobine de grossos cabos nas traseiras, permitindo um trabalho de maior envergadura no arrasto da pedra. Era uma outra imitação engenhosa de modelos estrangeiros, adaptado às necessidades locais, cujas influências provinham de modelos estrangeiros, como os das firmas francesas *Dion Bouton*, *Tourand Latil* e *Compagnie des forges et aciéries de la marine et d'Homécourt*, todos eles aplicados à agricultura (La Machine..., 1918) e (QUINTAS e FILIPE, 2015).

Esta modernização levará a um vertiginoso aumento da produção, bem como à reconfiguração das exportações, se por um lado a produção em 1885 rondava várias dezenas de metros cúbicos, em 1930 vai atingir as 2.811 toneladas, a maioria exportadas, até 1914 essencialmente para o Brasil, para em 1923 atingir a Bélgica e a França e em 1930 estarem presentes nos Estados Unidos, Japão e Alemanha (PORTAS, 1931), (RIBEIRO, 1933) e (RIBEIRO, 1934).

A instalação destas primeiras empresas, às quais muitas outras se juntarão nas décadas seguintes, e o aumento constante nas taxas de produção, serão a causa directa da construção da paisagem do mármore dos nossos dias. De facto um território que à época de 1920 apresentava uma realidade económica tipicamente agrária, com alguma exploração pontual de már-

more de pequena dimensão, dará origem a uma progressiva abertura de pedreiras de mármore, ao ponto de, nas décadas de 1960 e 1970, serem registadas nos serviços centrais do estado 150 explorações.

É também na década de 1960 que se começam a atingir os limites físicos das explorações, que rodeadas de outras explorações contíguas de outras firmas, serão obrigadas a aprofundar a pedra, limites estes que serão vencidos pela adopção de gruas de grande porte.

Estes mecanismos, conhecidos como gruas *Derrick*, constituíram um segundo momento de modernização industrial do sector e vão permitir a partir deste período, a construção da paisagem actual, que se caracteriza, por poços a céu aberto, com as suas escombrelas de inertes não absorvidos pelo mercado e as suas inúmeras torres metálicas (QUINTAS, 2015) e (FILIPE, 2015).

O uso de mecanismos de elevação já provinha de tempos antigos, guindastes, cabrestantes e gruas eram já usados pelos romanos e estão mencionados no tratado de arquitectura de Vitruvius. A passagem para o mundo medieval e moderno é também atestada por modelos como a grua da cidade flamenga de Bruges, retratada por Simon Bening, pintor e miniaturista, na sua obra *Calendrier Flamand: Marché au vin à Bruges* (ca. 1530), que hoje se encontra na biblioteca estatal da Bavieira, em Munique. Mas também pela grua representada na iluminura do foral manuelino da cidade de Évora, outorgado por D. Manuel em 1501. Na imagem pode-se ver em pormenor a partir de poente, da estrada de Lisboa, a grande grua que servia às obras da igreja de S. Francisco (Fig.1).

No século XVIII (1769) também são abordadas na *L'Encyclopédie de Diderot e D'Alembert* (*Encyclopédie*, 1769).

Derivados destes mecanismos, de entre os modelos mais modernos, surgidos já no século XIX, de sistema rotativo usado para grande tonelagem nos portos e nas pedreiras, estão as grandes gruas *Derrick*, que o engenheiro Henry R. Towne descrevia em 1883 da seguinte forma: “Grua *Derrick* – consiste numa grua rotativa de balancé, usada para estaleiro, cuja extremidade superior ou pivô do mastro é mantido em posições por hastes ou estrias em vez de ser fixo ao topo” (*The Manufacteur...*, 1883).

O seu uso está atestado nas pedreiras de Mármore de Vermont nos Estados Unidos, para finais do século XIX, bem como a existência de um outro maquinismo de 8 toneladas que ainda se conserva na marina de Lisboa, junto ao monumento de Belém, fabricado pela firma *Société des Engines de Levage et de Manutention Électro-Mécaniques*, de Paris, e ali instalado em dada desconhecida (DAY ALLEN, 1904).

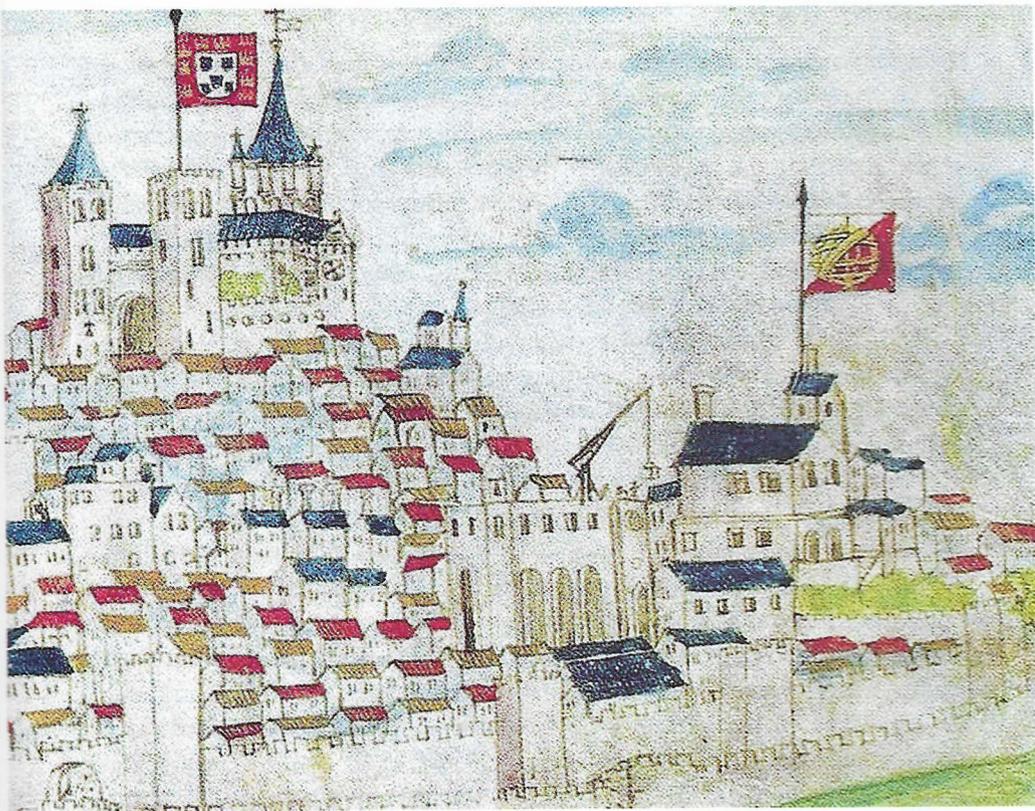


Fig. 1. Iluminura do Foral Manuelino de Évora, 1501.

Estas gruas são introduzidas nas pedreiras de mármore do Alentejo, a partir das estruturas dismanteladas do estaleiro de obras da “Ponte Salazar”, após inauguração desta, que trazidas para Estremoz, ali foram adaptadas à configuração das explorações (QUINTAS, 2015).

A partir do momento em que a sua eficácia é testada, vão-se multiplicar pelo território, sendo a sua massificação possível através da conjugação da electrificação desta região, que então estava a despontar.

3. Património e História da Indústria dos Mármore.

Recolha, inventário e estudo: fontes documentais e bibliográficas

A indústria das rochas ornamentais em geral e no caso específico dos mármore lavrados nas pedreiras do Anticlinal Alentejano, não dispunham de um estudo historiográfico, numa dimensão interdisciplinar da exploração à

transformação e aplicação do recurso, apesar de historiadores referenciarem nas suas fontes, quer arqueológicas ou históricas, sobre a existência de uma actividade, pelo menos com dois mil anos, de utilização dos mármore daquela região. Partindo do estado da arte em 2012, um grupo de investigadores, foi surpreendido pela dimensão dos primeiros resultados. Trabalhos sistematizados começaram a ser realizados, reunindo informação interessante sobre fontes primárias e bibliografia associada em diversos arquivos e bibliotecas nacionais.

Sobre a actividade das pedreiras de mármore, foi possível encontrar algo de substancial, publicada em 1933 por Félix Ribeiro, focado quase exclusivamente numa perspectiva de evolução legislativa e nalgumas observações de conhecimento geral sobre a história da indústria (RIBEIRO, 1933).

Um projecto de investigação foi estruturado por uma pequena equipa de investigadores do Centro de Estudos de Cultura, História, Artes e Patrimónios – CECHAP, instalado em Vila Viçosa, sob o tema do Património e História da Indústria dos Mármore, que viria a ser acrescentada por outros investigadores de História, como apoio e coordenação científica para as diversas áreas de trabalho.

Em 2014, foi possível reunir especialistas, de várias procedências, entre os quais, do Centro de Estudos de História Contemporânea do ICSTE-IUL; Instituto de História Contemporânea da FCSH; CIDEHUS da Universidade de Évora e do próprio CECHAP, dando início a uma primeira fase do projecto, abrangendo num período cronológico, por opção consciente e perfeitamente justificada, que mediou os anos da chamada Regeneração à entrada de Portugal na então CEE (1850 a 1986).

O projecto PHIM tem sido importante como “marco” na História da Indústria Portuguesa, o contributo do levantamento, inventário, tratamento e disponibilização da informação sobre a Indústria dos Mármore, realizado pelo CECHAP, em cooperação com outras unidades científicas, sendo possível hoje consultar no portal (www.phim.cechap.com), a bibliografia, fontes documentais, imagens e pontos de referência seleccionados na geografia do Anticlinal.

A informação que é possível identificar através da sua consulta ao portal é díspar, envolvendo património, arqueologia industrial, paisagem, pedreiras, indústria de transformação, informação sobre empresas, técnicos, registos de entidades e pessoas, testemunhos orais, cartografia e bibliografia geral e temática.

Em 2017, o projecto PHIM, entrou numa segunda fase do seu estudo. O interesse na utilização dos mármore Alentejanos foi bastante significativo em períodos de expansão económica de artes ornamentais e do edificado. A lavra das

pedreiras da região foi conhecendo uma intensa actividade entre os séculos XVI e XIX, com encomendas variadas, respondendo a novos desígnios arquitectónicos como o renascimento, barroco ou classicismo. Os mármore foram também procurados e aplicados um pouco por todo o reino e em várias regiões da Espanha, Itália ou até mesmo, em menor expressão, em França e noutros países da Europa.

Estudos pontuais têm conduzido a resultados no conhecimento sobre a obra de arte realizada com o recurso a mármore em contexto religiosos, mas menos estudado no contexto edifícios civis.

Os trabalhos recentes, realizados na primeira fase do projecto PHIM, demonstraram a necessidade e a pertinência de se proceder a intensivos levantamentos de campo que proporcionem uma visão clara e alargada da extensão das explorações de mármore para vários períodos, desde a Antiguidade até épocas recentes.

Se o conhecimento e a interpretação do património constituem um dos elementos fundamentais para a construção de um produto turístico, não menos importante será a salvaguarda e a conservação dos lugares, valorizando a memória e os elementos históricos, artísticos e patrimoniais de cada sítio.

Importa ter um conhecimento empírico e científico sobre as técnicas e instrumentos utilizados na lavra das pedreiras e no talho da pedra para aplicação de mármore oriundos do Anticlinal, desde que há vestígios da sua exploração.

Só conhecendo e tratando a informação é possível construir conteúdos didácticos, digitais e informativos, para um verdadeiro e completo produto turístico. O estudo muito ganhará se alcançar uma abrangência de públicos, no serviço de educação patrimonial, disponibilizada ao visitante nacional como estrangeiro.

O contributo da indústria dos Mármore do Alentejo para o desenvolvimento do território regional e nacional, bem como o reforço das identidades comunitárias pode e deve ser destacado, não somente no que diz respeito ao seu relevo como actividade económica tradicional e industrial (extração, transformação e comércio), mas também no âmbito de um aprofundamento das origens da sua exploração e utilização, passando por períodos áureos de intensa actividade, como aqueles já atrás indicados. Importa que todo o trabalho resulte numa construção de um produto cultural, direccionado ao turismo com uma forte visibilidade, que pode ser conseguida, como o

projecto anterior demonstrou, através de tecnologias na web, da criação de percursos pedestres, ou outras iniciativas, que sejam uma forma de oferta diferenciada para a valorização da região, da sua história e do seu património.

Contamos ainda com a experiência de conhecimento do território do grupo de estudo da primeira fase do projecto *Património e História da Indústria dos Mármore*, e da experiência no terreno da equipa da *Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz*, (www.rotadomarmoreae.com), actividade que vem sendo promovida pelo CECHAP, desde 2014, em colaboração com o grupo Património Industrial no Sul de Portugal (PINSP), do CIDEHUS da Universidade de Évora¹.

Importa agora determinarmos cronologicamente os períodos áureos de procura e oferta deste recurso marmóreo. Conhecida a sua jazida pela sua abundância, importa que o estudo revele novos contributos historiográficos, no âmbito da história económica, da arqueologia na longa duração, do património, da arquitectura e sobre a utilização dos seus mármore em contextos urbanos.

Para que os objectivos sejam alcançados e se possam traduzir numa eficaz promoção da região do Alentejo, torna-se fundamental continuar um estudo sobre os mármore, de forma particular que permita conhecer com profundidade a história da exploração e a utilização dos mármore nos períodos: Império Romano; Renascimento (século XVI); Maneirista (séculos XVI e XVII); Barroco (século XVIII) e Neoclassicista (séculos XVIII e XIX).

Com o mesmo objectivo torna-se aliciante, desenvolver um programa de investigação para o período da Idade Média. São conhecidos alguns testemunhos da sua utilização, como marcos, campas funerárias e outros elementos marmóreos. Não foi possível no âmbito do projecto PHIM, desenvolver até esta data um trabalho que envolva a arqueologia para o período cronológico entre o século VII e o século XV, no entanto, os autores do projecto PHIM, propõem-se ter em conta uma próxima fase de tal estudo.

¹ <http://i-heritage-alentejo.blogspot.pt/>. Grupo com o qual o CECHAP tem colaborado em algumas iniciativas, nomeadamente nas conferências Colóquio Internacional «Património Industrial: dos objectos ao território», que teve lugar na Universidade de Évora, em Março de 2013 e no Colóquio Memórias de mármore (arte) que teve lugar em Vila Viçosa, em Outubro de 2013.

4. O mármore na arquitectura da água em Évora

Difícilmente o trabalho de levantamento, inventário e estudo, dispensava o trabalho de campo em muitos lugares, como a cidade de Évora. Prova dessa necessidade, uma visita temática à cidade no âmbito da programação cultural da Rota do Mármore AE, sobre o tema “Évora, Cidade revestida de Mármore”, em que os visitantes, foram surpreendidos pela elevada obra com a utilização de mármore provenientes das pedreiras de Borba, Estremoz e Vila Viçosa, utilizados nos vários períodos de expansão ou transformação da história da cidade. Évora como capital de distrito, centro político, social e económico, não ficou indiferente à utilização dos *finíssimos* e *nobres* mármore, brancos, rosas, venados, Ruvina, pretos ou de outras *patines*.

Patenteada na arquitectura e no urbanismo ou mesmo na escultura do concelho de Évora, é interessante observar, como mestres canteiros, representando o melhor da sua arte em talhar o mármore, executaram na forma do risco do autor, o arquitecto ou escultor, a expressão da sua ideia.

A importância para a investigação do conjunto de informação reunida (bibliografia e fontes documentais) no portal do Património e História da Indústria dos Mármore, será na nossa opinião determinante, para o conhecimento histórico e arqueológico, o cruzar e interpretar documentação, proveniência dos materiais, técnicos e mestres envolvidos em cada encomenda. Não menos importante, no caso dos mármore, será a intervenção nas estruturas, como limpeza de cantarias, recuperação ou substituição de elementos marmóreos, devendo ser utilizado sempre o critério da proveniência do material. Isso só será possível com um conjunto de informação disponibilizada, que os técnicos devem observar.

Uma das áreas de estudo do projecto PHIM, está agora dedicado ao inventário das encomendas destinadas à arquitectura de acordo com uma tipologia definida. O caso da arquitectura da água é um bom exemplo para Évora abundante em exemplares, como bicas, fontanários, fontes ou chafarizes, utilizando os mármore.

À água as diversas culturas lhe atribuíram significados sagrados. Na Antiguidade entre os quatro elementos (água, ar, terra e fogo), esteve sempre aliada à ideia de vida e por várias vezes à sabedoria, traduzida na simbólica de *fonte*.

Desde finais do século XV, verificou-se, em grande parte das cidades e vilas do reino, um processo de transformação urbanística, num programa de intervenção e expansão da malha urbana, com a criação de novos espaços pú-

blicos, implantação de edifícios religiosos, públicos ou casas senhoriais. Esse crescimento acompanhado de novos arruamentos, acomodando a ocupação do espaço, obrigou a que certas infra-estruturas correspondessem às necessidades do crescimento da população. O abastecimento de águas à cidade de Évora era um problema que se colocava com a expansão da cidade, daí a necessidade de levar o abastecimento público a partir do seu principal abastecimento, o Aqueduto da Água da Prata, a novos pontos de abastecimento.

Muitos exemplares da arquitectura da água, em maior número, produzidos com mármore do Anticlinal, são desconhecidos de parte do público. Localizados em conventos, quintas, casas nobres ou solares de Évora, construídos em diversos períodos da história, não existindo até ao momento um estudo sistematizado, trabalho que poderá vir a ser realizado no âmbito deste projecto.

Sem querermos alongar-nos neste texto, deixamos salvaguardado que alguns autores, têm dedicado parte do seu estudo às fontes, fontanários e chafarizes públicos na cidade de Évora. Existe alguma documentação produzida em complemento a esta temática. Importa do nosso lado num futuro próximo, integrar a informação e disponibilizá-la para novos estudos ou intervenções no património, possibilitando a interpretação do conjunto.

Descrevemos alguns casos como exemplo, do que virá a ser no futuro a integração da informação no portal PHIM:



Fig. 2. Fonte da Praça do Giraldo (ARQUIVO CECHAP, 2017).

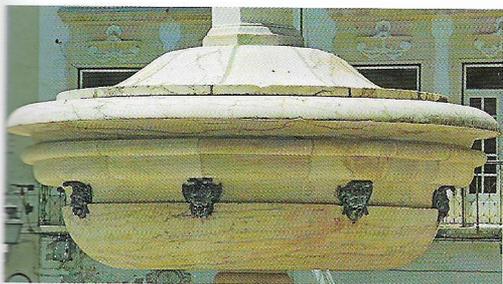


Fig. 3. Fonte da Praça do Giraldo, pormenor (ARQUIVO CECHAP, 2017).

A Fonte da Praça do Giraldo, utilizando mármore branco, deve-se a uma determinação do cardeal-infante D. Henrique, na sequência do desmontar, em 1570, o arco triunfal romano, que terá existido desde os primeiros séculos da era cristã no local do foro latino de *Liberalitas Julia* e possuía, sotoposto, um chafariz público com gárgulas leoninas, abastecido

pelo anel da Água da Prata, concedido pelo rei D. João III. (ESPANCA, 1980-81). A Fonte da Praça do Giraldo, ficou concluída em 1573, tendo sido trazidos os mármore das pedreiras de Estremoz (Fig. 2 e 3).

«Neste ano de 1573, se acabou de fazer a FONTE de mármore, que está na Praça desta cidade de Évora, a qual custou muito a fazer; e, juntamente, tiraram a Fonte-Velha do lugar em que estava, que era à porta da igreja de Santo-Antão, por cuja causa se tirou de ali, porque, doutra maneira, não lhe ficava a porta na Praça, como agora está [...]

A pedra grande da Fonte se trouxe de Estremoz com muitas juntas de bois, no ano de 1571, e se quebrou uma umbreira da porta, para poder entrar [...]. (POMBO, 1949).



Fig. 4. Fonte do Largo da Porta de Moura (ARQUIVO CECHAP, 2017).



Fig. 5. Fonte do Largo de Avis (ARQUIVO CECHAP, 2016).

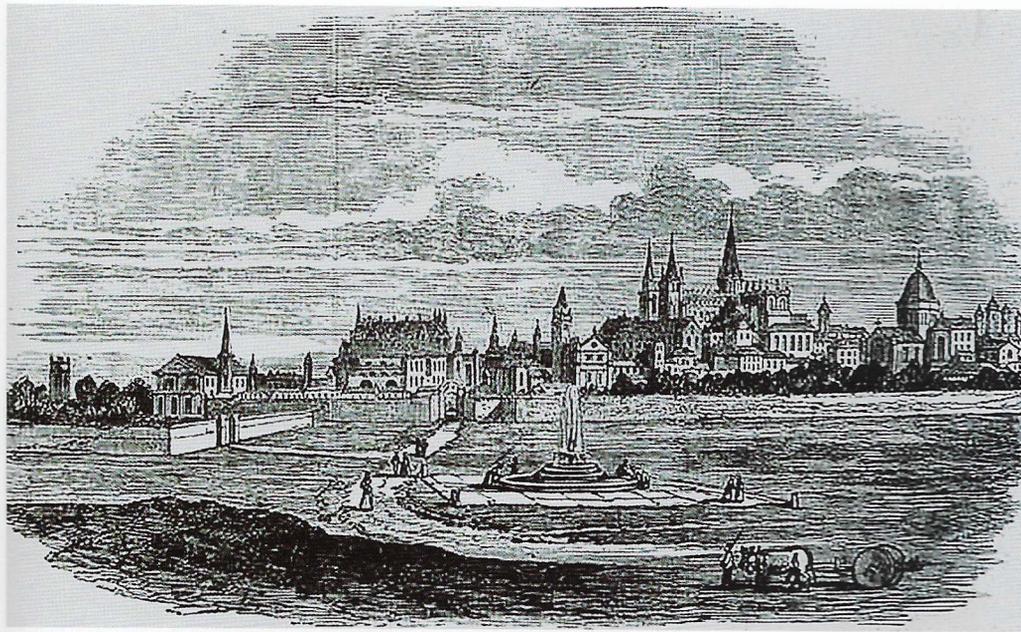


Fig. 6. **Fonte do Rossio de São Brás** (The illustrated London News, (2 Janeiro 1847, p.2).

A Fonte da Porta de Moura, mármore, do mesmo período de renovação urbana, projectada pelo Cardeal D. Henrique. Inaugurada a 4 de Dezembro de 1556, conforme inscrição na esfera marmórea (Fig. 4).

A Fonte do Largo de Avis, mármore, com taça excedida e tanque, dos finais do século XVI (Fig. 5).

A Fonte do Rossio de São Brás de Évora, mármore, degraus de granito, interrompidos no lado poente com dois tanques. A taça originalmente lobulada, hoje apresentando uma forma de leque, com curvas e contracurvas no movimento ondulado. Desconhecendo-se a data de construção é apontada como quinhentista (Fig. 6 e 7).

Fontanário da Rua de Alconchel, actual Rua Serpa Pinto, com mármore utilizados no tanque e bocais (Fig. 8).

Chafariz da Rua do Muro, mármore.

Bica na Rua da República, adossada ao muro da antiga cerca do Convento de S. Francisco, mármore (Fig. 9).



Fig. 7. **Fonte do Rossio de São Brás** (ARQUIVO CECHAP, 2017).

Bica no Largo Chão das Covas, mármore, lugar intervencionado na primeira metade do século XX (Fig. 10).

A importância no abastecimento público de água, sempre se colocou na cidade de Évora, em certa razão pelo crescimento populacional. Tal terá motivado a instalação de novas infra-estruturas, que no caso destas fontes, construídas com os *finíssimos* mármore, se diferenciaram pela necessidade de melhor salubridade das águas, do embelezamento do espaço público e da distinção social e política dos seus encomendadores. ●



Fig. 8. Chafariz na Rua Serpa Pinto (ARQUIVO CECHAP, 2017).



Fig. 9. Bica na Rua da República (ARQUIVO CECHAP, 2017).



Fig. 10. Bica no L. Chão das Covas (ARQUIVO CECHAP, 2017).

Fontes e bibliografia

- ALVES, Daniel (coord.) [et al.] - **Mármore, Património para o Alentejo: contributos para a sua História (1850-1986)**. Vila Viçosa: PHIM - CECHAP Centro de Estudos, 2015.
- BANCO ESPÍRITO SANTO RESEARCH - **Produção de Rochas Ornamentais. Análise sectorial de Fevereiro de 2014**. Lisboa: [s. n.], 2014.
- BAVAY, G. - **La «Grande Carrière» P.-J. Wincqz à Soignies**. [Belgique?]: Ministère de la Région Wallone – Direction Général de l'aménagement du Territoire et du Logement, Division de Monuments, Sites et Fouilles, 1994. (Carnets du Patrimoine; 3).
- Boletim de informação estatística da indústria extractiva**. Direcção Geral de Energia e Geologia Lisboa: DGE. 2013, n.º 15.
- CABRAL, Manuel Villaverde - **Portugal na Alvorada do Século XX**. Lisboa: A Regra do Jogo, 1979.
- CARNEIRO, André - "Um primeiro olhar sobre o povoamento romano no concelho de Vila Viçosa". **Callipole: Revista de Cultura**. Vila Viçosa. 21 (2013) 199-220.
- Cartografia Temática do Anticlinal – Zona dos Mármore**. Évora: [s. n.], 2008.
- CETEL – Centro de Estudos Técnico Económicos; CEVALOR – Centro Tecnológico para o aproveitamento e Valorização das Rochas Ornamentais e Industriais - **Estudo de inventariação das Rochas Ornamentais e Industriais em Portugal**. Borba: CEVALOR, 1992.
- DAY ALLEN, Willey - "The Carrara of America". **Scientific American**. 91:1 (5 de Nov. 1904) 309-318.
- DIDEROT, Denis; ALEMBERT, Jean D' - **Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers**. Paris: [s. n.], 1769. Tomo 16, p. 729.
- ESPANCA, Túlio - "Miscelânea Histórico – Artística". **A Cidade de Évora**. 19-20 (1949) 241-244. (1.ª série).
- ESPANCA, Túlio - "Nova Miscelânea". **A Cidade de Évora**. 63-64 (1980-81) 147-149. (1.ª série).
- FALÉ, Patrícia [et al.] - "O Reordenamento da actividade extractiva como instrumento para o planeamento regional: Vila Viçosa, Portugal". **Boletim Geológico e Mineral**. 117:2 (2006) 277-288.
- FILIFE, Carlos - **O património edificado em Vila Viçosa no século XVIII: encomenda, financiamento e construção**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015. Tese de Mestrado em História Moderna e Contemporânea.
- FILIFE, Carlos - Colecção de fotografias - PHIM. Vila Viçosa: CECHAP, 2017.
- GUIMARÃES, Paulo - **Elites e Indústria no Alentejo (1880-1960)**. Lisboa: Colibri, 2016.
- La Machine Moderne**, Paris, Décembre 1918, nº 104,358-378
- LOPES, Luís [et al.] - "Caracterização Petrográfica dos Monumentos Romanos de Évora". **Cidade de Évora**. 4 (2000), 129-142. (2.ª série).

MACIEL, Manuel Justino - "Arte romana e pedreiras de mármore na Lusitânia: novos caminhos de investigação". **Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**. 11 (1998), 233-245.

NUNES, Manuel Castro - **Os mármore do Alentejo, uma patine Milenar**. Borba: CEVALOR, 1996.

POMBO, Manuel Ruela - "Manuel Severim de Faria - Lembranças Eboresenses". **A Cidade de Évora**. 17-18 (1949) 545-547. (1.ª série).

PORTAS, Leopoldo - "Os mármore de Vila Viçosa". In MURALHA, Pedro (dir.) - **Álbum Alentejano: Distrito de Évora**. Lisboa: Imprensa Beleza, 1931, 481-482.

QUINTAS, Armando; ALVES, Daniel (coord.) - "Técnicas e tecnologias ligadas ao mármore: uma viagem pela história". In **Mármore, Património para o Alentejo: Contributos para a sua História (1850-1986)**. Vila Viçosa: CECHAP, 2015, 129-159.

QUINTAS, Armando; FILIPE, Carlos - **Entrevista a Firmino Barradas, gerente da empresa Metalúrgica António Barradas & Filhos, de Vila**. Vila Viçosa: Arquivo CECHAP, 2015.

QUINTAS, Armando; FILIPE, Carlos - **Entrevista ao gerente da empresa Pirra Máquinas e Ferramentas, de Estremoz**. Vila Viçosa: Arquivo CECHAP, 2015.

QUINTAS, Armando; PEREIRA, Vanessa Alexandra - "As Minas Portuguesas da Faixa Piritosa Ibérica: A Pirite Alentejana na Economia Nacional Oitocentista". In **Iberian Interconnections - Conference Proceedings 2016**. Porto: Universidade Católica, 2016, 109-119.

RIBEIRO, Félix - **Os mármore do Alentejo e a legislação em vigor - tese apresentada ao congresso Alentejano**. Lisboa: Oficinas Fernandes, 1933.

_____ **A indústria dos Mármore, Tese apresentada ao I Congresso da União Nacional**. Lisboa: Oficinas Fernandes, 1934.

Société Anonyme Merbes-Sprimont. Bruxelles: J. Rozez, 1928.

The Manufacturer and Builder. New York: Estern and Company. 1883, vol. 15, n.º 8.